



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

FÁBIO DA SILVA

NEOLOGISMOS OU NEWLOGISMOS

CAMPINA GRANDE - PB
2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

FÁBIO DA SILVA

Neologismos ou Newlogismos

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Artes, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em letras, elaborado sob orientação da professora Dra. Marta Anaísa Bezerra Ramos.

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586n Silva, Fábio da
Neologismos ou Newlogismos [manuscrito] / Fábio da Silva. -
2016.
36 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Marta Anáisa Bezerra Ramos,
Departamento de Letras e Artes".

1. Neologismo. 2. Neologia. 3. Estrangerismo. 4. Criação de
palavras. 5. Formação de palavras. 6. Classe de Palavras. I.
Título. 21. ed. CDD 469.7

Fábio da Silva

Neologismos ou Neologismos

Trabalho de Conclusão de Curso aprovada em, 04 / 07 / 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

Marta Anaísa B. Ramos.

Nota: 9,0

Marta Anaísa Bezerra Ramos (Orientadora - UEPB)

Amasile Coelho L. C. Souza

Nota: 9,0

Amasile Coelho Lisboa da costa Souza (UEPB)

Iara Francisca Araújo Cavalcanti

Nota: 9,0

Iara Francisca Cavalcanti (UEPB)

Média: 9,0

Campina Grande – PB
2016

AGRADECIMENTOS

**A Deus, minha família.
Dr^a Marta Anaisa, e Flaw Mendes.**

Neologismos ou Newlogismos

Fábio Silva

RESUMO

O presente artigo versa sobre neologismos, o surgimento de novos léxicos na língua portuguesa, essas novas palavras foram extraídas da “Revista Mundo Estranho”, um periódico de entretenimento que revela novidades e curiosidades. Com o *corpus* selecionado, partiu-se para a teoria a fim de identificar os processos de criação de palavras (criação lexical, semântico e estrangeirismo); os processos de formação de palavras (Derivação e composição); e verificar em quais categorias de palavras os neologismos pertencem. Os resultados obtidos revelaram os mecanismos mais produtivos de criação, o lexical; o de formação, que foi a derivação; e a classe de palavras dos substantivos como a mais produtiva. Um aspecto que teve destaque foi o estrangeirismo. São muitos casos e em diversos níveis, palavras emprestadas ao léxico português, palavras já adotadas, xenismos etc. Essa modalidade de renovação lexical demonstrou-se bem produtiva, o que revela a intensa relação entre idiomas.

Palavras-chave: neologismo, neologia, estrangeirismo, criação de palavras, formação de palavras classe de palavras

1. Introdução

Este artigo aborda um fenômeno linguístico chamado ‘neologismo’, ou seja, o surgimento de novos léxicos, palavras que, sofrendo alguma mudança morfológica e/ou semântica, (re)apresentam-se com sentidos diferentes dos já existentes. Esse fato decorre das inovações nos mais diversos campos sociais, das exigências do sistema linguístico dentre outros fatores mais específicos que envolvem a dinâmica discursiva de uma sociedade. É importante sinalizar que esse fenômeno ocorre por fatores diversos, que implicam diferentes mecanismos, os quais, segundo Carvalho (1999), compreendem três pilares: criação lexical, criação semântica e/ou por origem estrangeira. Por neologismo, consideram-se aquelas palavras que não se encontrem em, pelo menos, dois dicionários de autores renomados pela crítica, a exemplo de Aurélio B. de Holanda Ferreira (1999) e Houaiss (2001).

Selecionamos para análise desse fenômeno de criação de novos léxicos dados extraídos da revista **Mundo Estranho**, uma revista de entretenimento direcionada para jovens, que revela curiosidades e novidades tecnológicas. Feito o levantamento dos novos vocábulos em oito exemplares desse periódico, no período

que se estende de junho a dezembro de 2014, formamos O *corpus* desta pesquisa, resultando em 60 palavras¹. Com base em uma análise primária, identificamos vocábulos criados pelos seguintes processos: criação lexical (29), semântica (08), além de estrangeirismos (23)

Na seção dedicada à análise, faremos o mapeamento dos processos de formação envolvidos na criação das palavras que constituem nosso *corpus* e também da classe a que as palavras pertencem, de modo a observar quais os processos mais recorrentes e sua relação com as classes de palavras.

Assim, percebendo essa peculiaridade, alguns questionamentos emergem como centrais neste trabalho: i) qual desses processos seria mais produtivo; ii) como se dá a relação de vocábulos estrangeiros com a língua vernácula; iii) qual o processo de formação predomina em relação aos termos estrangeiros; e iv) qual a classe de palavras que se destaca na produção de novos sentidos.

Partindo do pressuposto de que alguns processos são mais produtivos que outros, pretendemos, a partir das ocorrências evidenciadas em textos da esfera do entretenimento, como objetivo geral: i) verificar, qual dos processos de formação se revela mais produtivo. E, como objetivo específico, intentamos ii) categorizar os neologismos conforme o tipo de criação em que se enquadram e os processos pelos quais são formados novos léxicos; e iii) identificar a classe gramatical, de modo a observar que classe de palavras está mais exposta à renovação.

Balizaremos nossa exposição em pressupostos teóricos normativos e descritivos. Assim, para fazer a descrição dos processos de formação, reportamo-nos a gramáticos como Bechara (2001) e Cunha e Cintra (2001); e, para aprofundar a reflexão sobre o tema, traçamos um paralelo entre as propostas de classificação linguística de Alves (1994) e Carvalho (1999).

Organizamos o trabalho obedecendo à seguinte divisão: dedicamos uma seção à apresentação dos conceitos principais necessários ao entendimento do tema, como: os processos de criação lexical e os processos de formação de palavras; logo após, uma seção voltada para a análise, de natureza descritivo-

¹ Inicialmente identificamos 78 palavras, mas, após a verificação nos dicionários, esse número foi reduzido para 60, pois, algumas palavras que nos pareciam novas, quase sempre de caráter estrangeiro, já tinham sido incorporadas ao léxico português.

analítica, em que apresentamos quadros com a quantificação das ocorrências por categorias analisadas, seguindo o comentário dos dados.

2. Neologia/ neologismos/ processos de criação

Olhando para a necessidade de comunicação humana; a infinidade de situações discursivas (entre falantes de um mesmo idioma ou não); a dinamicidade e a capacidade de inovar dos indivíduos, não é de se admirar que estejamos sempre a criar, perceber e referendar (ou descartar) novos conceitos, novas ideias em forma de palavras. As inovações vêm dos mais diversos segmentos sócio-culturais, seja no artístico, no setor tecnológico, científico, político, econômico, comportamental etc. Há sempre um produto, um sentimento, um olhar novo numa situação velha que precisa ser nomeada. Portanto, as razões do surgimento de uma nova palavra são os mais diversos possíveis, e estão diretamente ligadas ao segmento no qual nasceram, e até serem incorporadas totalmente pelo sistema linguístico passam por um longo processo, vejamos a seguir esse percurso.

Sabemos que o constante fluxo de conversa entre os usuários da língua é tão diverso e produtivo que favorece o surgimento de novas palavras; a esse fenômeno de criação lexical dá-se o nome de Neologia (ALVES, 1994, p.5). Sobre o conceito de neologismo, vejamos a seguinte definição: “o neologismo pode-se definir como uma unidade léxica de formação recente, uma acepção nova de um termo já existente ou um termo emprestado há pouco de um sistema lingüístico estrangeiro” (CABRÉ, 1993, p.444 *apud* FERRAZ, 2015, p.136). Desta maneira, destacamos que os processos de criação se classificam em fonológicos e sintáticos, segundo Alves (1994). Sendo os Fonológicos aqueles cujo processo de criação não se baseia em um léxico já existente, logo, a palavra é totalmente nova. Já os sintáticos são aqueles que galgam sua formação em elementos já existentes no sistema linguístico português (ALVES 1994, p.11-14). Por outro lado, de acordo com Carvalho (1999, p.33) “As palavras novas de uma língua podem ser formadas por: criação lexical; criação semântica (mudança de sentido); origem estrangeira (neologismo por adoção)”.

Segundo Carvalho (1999), são três os mecanismos de criação de novos termos, quais sejam: *criação lexical*, *semântica*, e *estrangeirismos*: o primeiro

processo constitui-se na criação “que se vale de termos preexistentes, ligados a determinadas noções, e utiliza em novas formações, estabelecendo uma ligação com conhecimentos anteriores” (CARVALHO, 1999, p.34) Para exemplificar esse tipo de formação, a autora cita a palavra ‘vaca-mecânica’ que tem sua origem baseada em termos linguísticos anteriores, tendo a palavra resultante uma nova unidade de sentido.

Quanto à criação semântica, é um recurso econômico do sistema linguístico, conforme essa autora, pois, grosso modo, consiste no uso de “uma palavra já dicionarizada com outro significado [...] São conceitos novos, introduzindo novos hábitos, ou velhos hábitos vistos por um prisma diferente [...]” (CARVALHO, 1999, p.35). Exemplo disso é a palavra ‘mordomia’, que, em sua gênese, era usada para designar os serviços de um mordomo, mas, por uma configuração de sentido, é largamente usado para indicar regalias exageradas.

O último caso de criação é o estrangeirismo, cuja compreensão, de acordo com Carvalho (1999) depende de que se observem as etapas por qual uma palavra de origem estrangeira é incorporada ao contexto receptor da palavra. Citando a autora:

A adoção lingüística compreende diversas etapas até a completa identificação da palavra com a língua que a escolheu. Na primeira fase de aceitação, o termo é identificado como estrangeiro, tomando como exemplo: lay-out. Só será empréstimo quando adotado verdadeiramente pela integração na forma da língua e pelo uso corrente. Passa então a não ser notado como termo estrangeiro: leiaute. (CARVALHO, 1999, p.41)

Desta maneira, percebemos que o termo estrangeiro só será assimilado como empréstimo/adoção após uma adequação às normas do sistema linguístico que recebe o termo, o que geralmente se dá pelos aspectos morfológicos.

O estrangeirismo é um meio de renovação lexical que apresenta diversidade de formas, de casos, de fases, entre outras características. Um assunto muito amplo e com várias nuances a serem consideradas. Carvalho (2009) diz que os empréstimos linguísticos podem ser classificados segundo a origem; a fase de adoção; a forma de derivação, a forma de adoção; e segundo a sua função, intenção ou necessidade de uso. Para elucidar um pouco a conceituação do termo estrangeirismo, buscamos em Bechara (2001, p.599) a seguinte definição: “é o

emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua.” Nesta pesquisa limitamo-nos a classificar as ocorrências quanto ao processo de assimilação, quando oportuno o processo de formação e a classificação gramatical.

Passemos, na sequência, à exposição dos processos de formação de palavras, de modo que possamos entender como se dá a formação de novos léxicos.

3. Processos de formação de palavras

De acordo com Rocha (1998), “Dá-se o nome de processo de formação de palavras ao mecanismo linguístico que permite a formação de novas palavras.” (1998, p.97), uma visão normativa. São diversas as linhas de abordagens desse tema, mas, segundo o autor citado, a ideal acata “a derivação, a composição e a onomatopeia” (ROCHA, 1998, p.97). Conforme Alves (1994, p.5), os mecanismos giram em torno dos processos de derivação (prefixal e/ou sufixal) e de composição. A autora estende essa lista de mecanismos em um artigo chamado “A renovação lexical nos domínios de especialidade”, onde cita os “processos vernaculares da derivação, da composição, da transferência semântica, das formações sintagmáticas, da redução e pelo empréstimo de outros idiomas.”. Já Carvalho (1999) elenca os casos de derivação, composição, redução, siglas, empréstimos e derivação imprópria.

Em um contexto discursivo informal, situação que melhor propicia o surgimento de novas palavras, não se tem a preocupação com o tipo de mecanismo de formação de palavra que se deve utilizar ao proferir, ou fazer surgir uma palavra nova. Dada essa constatação, passemos à caracterização dos processos de formação, considerando a visão de Carvalho (1999), Rocha (1998), e também a abordagem de Bechara (2001).

Carvalho (1999, p. 35) diz que os princípios formadores de palavra são: i) Derivação e ii) Composição e ainda diferencia a derivação que pode ser prefixal (antiviral) da sufixal (kombeiro); já a composição pode se realizar por aglutinação (dedurar) ou justaposição (dedo-duro)” . Rocha (1998) acrescenta a esses processos a onomatopeia.

3.1 O mecanismo da derivação

Conforme Bechara (2001, p.357), a Derivação “consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos.” Esses afixos são prefixos e sufixos. Mas, segundo Rocha (1998), esse processo de derivação ainda se estende por mais seis tipos, que são derivação “sufixal, prefixal, parassintética, conversiva, siglada e truncada” (p.105). Na sequência definimos cada um desses processos.

O processo de *derivação prefixal* acontece quando a palavra/base é posposta a um complemento que dá a esta um sentido acessório (BECHARA, 2001). Essa é a definição geral, vejamos uma síntese das características principais desse mecanismo de formação de palavra, feita por Rocha (1998, p. 152):

é uma sequência fônica recorrente; não é uma base; coloca-se à esquerda de uma base; tem como objetivo formar novas palavras, ou seja, a presença do prefixo caracteriza uma palavra derivada; apresenta uma identidade fonética, uma identidade semântica e uma identidade funcional; é sempre uma forma presa.

A derivação sufixal, afirma Alves (1994, p. 29), consiste em um recurso em que o componente acessório é empregado após a base para atribuir-lhe sentidos. Rocha (1998, p.108) aponta a seguinte diferença entre sufixo e base: “o sufixo se distingue de uma base pelo fato de não apresentar significação e/ou função (S/F) própria, autônoma, independente. Essa S/F só será explicitada, se o sufixo estiver anexado a uma base.” Ou seja, o componente acessório não funciona isoladamente, ele só atribui significação após ser anexada a uma base.

Quanto à parassíntese, corresponde ao processo de formação que sugere, à princípio, apenas a junção de uma forma prefixal e uma forma sufixal a uma base, mas apresenta uma peculiaridade – a simultaneidade dos afixos. Vejamos o que diz Rocha (1998, p.169): “A derivação parassintética é um processo de formação de palavras que consiste na criação de uma nova palavra pelo acréscimo simultâneo de um prefixo e um sufixo a base.” Logo, a simultaneidade é o que caracteriza este mecanismo. Pois, se determinadas palavras têm autonomia de sentido tendo apenas o prefixo (ou apenas o sufixo), há outras, porém, que só têm sentido se empregados, ao mesmo tempo, afixos iniciais e finais. Rocha (1998, p.169-70) exemplifica:

esclarecer: a partir de claro, não se acrescenta primeiro um prefixo (**esclaro*) e depois um fixo (*esclarecer*). Também não se acrescenta primeiro um sufixo (**clarecer*) e depois um prefixo (*esclarecer*). Passa diretamente de claro para esclarecer, ou seja, há um acréscimo simultâneo dos afixos.

Desta forma, as palavras que, num dado contexto, apresentam-se com os dois afixos, mas apresentam sentido completo quando grafadas só com prefixo ou só com sufixo são passíveis de serem denominadas apenas por Derivação Prefixal e sufixal.

3.2 Outros processos de Derivação

Dentre os processos de formação, encontramos em Rocha (1998) a “Derivação truncada”, que consiste em “um corte da palavra, resultando daí um vocábulo menor, sob o ponto de vista fônico” (p.182), esse aspecto fônico muitas vezes se prolonga até a escrita, e termina por ser assimilada na grafia. O autor classifica ainda dois tipos básicos de truncamento: o estrutural e o não-estrutural. O primeiro “consiste no recorte de um elemento estrutural da palavra, que pode ser um sufixo ou uma das bases de um vocábulo composto”, exemplifica com a palavra ‘português’, que, coloquialmente, pode assumir a forma de ‘portuga’. Já a forma “não-estrutural” é “quando o corte se dá aleatoriamente, sem se levar em conta a estrutura de base: cerveja – cerva; cinema - cine” (ROCHA, 1998, p.183).

É importante observar que os Normativos não tratam palavras com essa característica de redução da forma como “truncada”, utilizando outro termo para designar tal processo – Derivação Regressiva, que, para Bechara (2001, p. 370), “consiste em criar palavras por analogia, pela subtração de algum sufixo, dando a falsa impressão de serem vocábulos derivantes: de *atrasar* tiramos *atraso*.”

Esse mecanismo revela-se sob um impasse, pois, no entendimento de Rocha (1998), a Derivação regressiva é uma categoria da derivação Sufixal, em linhas gerais, pois não cabe a esse estudo algo mais aprofundado. O autor considera que nas ocorrências de derivação regressiva há um acréscimo de sufixo *zero*, ou sufixo implícito, logo a noção de uma partícula acrescida a uma base está presente.

Dessa forma, temos, de um lado, a Derivação Truncada (ROCHA, 1998), de outro a Derivação Regressiva (BECHARA, 2001), que parecem versar sobre o

mesmo fenômeno. Aplicaremos aos casos do *corpus* o conceito de Derivação Truncada.

3.3. Mecanismos de Composição

A Composição acontece quando, “juntando-se duas bases preexistentes na língua, o falante pode criar um novo vocábulo, ditos composto.” (ROCHA, 1998). O processo de composição refere-se a justaposição de elementos autônomos ou não, a fim de formar uma única unidade morfológica-semântica (ALVES, 1994, p.41). Esta visão não difere da de Bechara (2001, p.355), de justapor bases a outras sejam elas já compostas ou não. Vejamos, a seguir, os dois mecanismos de composição: a justaposição e a aglutinação.

A Justaposição tem sua percepção e compreensão apoiada no aspecto fonológico, além do morfológico, como explicita Bechara (2001, p. 340):

Nas palavras compostas com radicais livres, do tipo *guarda-chuva*, persiste, como é fácil de observar, a individualidade de seus componentes. Esta individualidade se traduz: a) na escrita, pela mera justaposição de um radical a outro, normalmente separados por hífen; b) na pronuncia, pelo fato de ter cada radical seu acento tônico, sendo o último o mais forte e o que nos orienta na classificação da posição do acento nas palavras compostas.

Quanto à aglutinação, segundo Bechara (2001, p. 340) é:

O processo de formar palavras compostas pela fusão ou maior integração dos dois radicais: planalto, fidalgo, lanígera, agrícola. Esta maior integração traduz-se pela perda da delimitação vocabular decorrente: 1) da existência de um único acento tônico; 2) da troca ou perda de fonema; 3) da modificação da ordem mórfica.

Podemos afirmar que os processos possuem diferenças sutis, e não muito distantes do processo de derivação, visto que, grosso modo, a diferença se concentra no que se define como radical e o que se define como formas presas.

3.4. Outros casos

Em virtude dos casos encontrados em nosso *corpus*, abrimos esse tópico para versar sobre temas que contemplem casos isolados e de pouca ocorrência. Trataremos sobre Onomatopeia, apoiados em Rocha (1998) e as intersecções com o conceito de onomatopeia e reduplicação de Bechara (2001); a concepção de hibridismo e suas implicações sincrônicas e diacrônicas também será abordada a seguir; e, por fim, como se configura o conceito de Siglagem de Rocha (1998).

Rocha (1998) apresenta a '*Onomatopeia*', como um dos processos de criação de palavras, sendo o processo pelo qual se "pode criar uma palavra nova ao tentar imitar um barulho ou ruído do mundo exterior". Essa 'tradução' é "um processo *sui-generis* de formação de palavras, porque o ponto de partida, ou seja, o barulho ou o ruído, é um dado extralinguístico." (ROCHA, 1998, p. 191). Ou seja, é uma adaptação morfológica criada a partir dos extratos fônicos.

Também Bechara (2001, p.74) faz menção à onomatopeia, conceituando com "o emprego de fonema em vocábulo para descrever acusticamente um objeto pela ação de exprime." Para exemplificar, cita 'tique-taque' do relógio, 'zunzunar' da abelha, perspectiva que se alinha com a perspectiva de Rocha (1998), mas não dá conta da noção de neologia que abordamos aqui, pois a abordagem que Bechara (2001) faz do termo é sob uma perspectiva fonética. Tal processo é retomado por esse autor como um meio de se viabilizar um mecanismo de formação de palavras, chamado de '*Reduplicação*', que "consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa" (BECHARA, 2001, p.371). Fica claro que há uma equivalência entre os autores. Um expande o conceito para um processo de criação de palavras (ROCHA, 1998) e o outro o encara como um recurso passível de ser utilizado na formação de uma palavra (BECHARA, 2001). Em certo nível não há uma contradição, mas sim formas peculiares de abordar um mesmo fenômeno.

Acrescentamos ainda ao nosso arcabouço teórico a noção de '*Hibridismo*', que tem relação direta com os empréstimos. A esse respeito, Rocha (1998) ressalta um aspecto importante, ao afirmar que a língua portuguesa é mista, formada com a contribuição de diversos idiomas, portanto, é natural haver "cruzamentos" entre termos de origens diferentes. A palavra 'bicicleta' é um exemplo, pois em sua estrutura há elementos do latim e do grego, logo, uma palavra composta, formada

por hibridismo², isso sob um aspecto diacrônico da língua. Sob a ótica sincrônica, a palavra em questão é um termo legítimo, sem quaisquer traços de estrangeirismo, dada a naturalidade com que é aceita e incorporada no sistema linguístico português.

Em relação ao processo de formação definido por Siglagem, este compreende um conjunto de letras que formam um vocábulo para designar algo. Por vezes assume a posição de um nome próprio, uma substantivação passível de passar por processos semânticos e morfológicos como qualquer outro nome. Para se assimilar essa categoria lexical é preciso compreender dois termos: a base (vocábulo composto) e o produto (um lexema simples). Um exemplo seria “Universidade Estadual da Paraíba”, cuja sigla, formada pelos grafemas e/ou sílabas iniciais das palavras que formam a base, corresponde a “UEPB”.

Enfatizando a característica de nome que a base possui, Rocha (1998) elenca quatro motivos para isso: são capazes de gerar novos itens lexicais; são usados muitas vezes por que sua formação completa não é (re)conhecida; pelo caráter polissêmico; e por na estrutural frasal a sigla ocupa o lugar do substantivo. Detendo-se um pouco mais na sua formação, percebemos quatro tipos de composição de uma sigla, que são: siglagem grafêmica – composta por letras iniciais das palavras da base; siglagem silábica – composta por sílabas iniciais das palavras da base; siglagem grafo-silábica – composição mista, ora letras, ora sílabas; e siglagem fortuita – arranjo mais livre, visando outros aspectos, como o sonoro, o sentido etc. (ROCHA, 1998, p.178-79). Esclarecido esses pontos, resta-nos citar as principais funções que uma sigla cumpre. Rocha (1998) afirma ser basicamente duas, uma que contempla a necessidade de economia linguística, agilidade, ou seja, está “relacionada com a questão da economia fonética, lexical e discursiva.” (p.181). A outra função é mais estilística, com intenção de tonar mais fácil a memorização, chamar a atenção, um recurso de persuasão. Essa última função citada nos remete ao que Rocha (1998) chama de Siglagem Significativa, “é aquele em que, além de se utilizarem os elementos da base composta, o produto resulta em um nome transparente, relacionado com o sentido da sigla” (ROCHA, 1998, p.181). Portanto, prima-se pela ideia, os arranjos linguísticos são pensados em prol do sentido expandido da sigla criada.

² “São palavras híbridas ou hibridismos, aquelas que se formam de elementos tirados de línguas diferentes”. CUNHA & CINTRA, 1985, P. 113 apud ROCHA, 1998, P.72

4. A criação lexical e a categorização de palavras

O surgimento de novas palavras é favorecido por situações diversas, para nomear uma “coisa” ou uma ação, em linhas gerais é isso que acontece. Mas há algumas especificidades. Cada palavra tem uma função a depender do contexto de criação e de uso, ao se relacionar com outras palavras, com o falante, com o contexto assumem uma configuração. A categorização visa separar em grupos palavras que possuem a mesma função. Esse agrupamento revela que se “junta palavras de natureza e funcionalidade bem diferentes com base em critérios categoriais, morfológicos e sintáticos misturados.” (BECHARA, 2001, p.109).

Desta forma, a classe gramatical da palavra diz muito de sua função num dado contexto. Carvalho (1999) em seus estudos lembra que

o substantivo – por razões óbvias de nomear seres é a classe mais numerosa da língua, seguida por verbo, senhor da ação e dos processos. O adjetivo é pouco numeroso, ainda mais porque muitos substantivos ainda lhe roubam o emprego. (CARVALHO, 1999. p. 21)

Dentre as dez classes de palavras, podemos dividi-las em dois grupos principais, as variáveis e as invariáveis (CUNHA e CINTRA, 2001, p.78), sendo as variáveis os substantivos, os adjetivos, os artigos, certos numerais, pronomes e verbos, pois essas palavras admitem flexões, acréscimos, desinências em suas bases. Já os invariáveis são advérbios, preposição, conjunções, alguns pronomes não admitem que lhes seja agregado desinências, são elementos estruturais.

Essa estruturação permite compreender melhor os processos de formação de palavras, permitindo assim uma melhor assimilação dos neologismos, bem como sua categorização. Munidos desse arcabouço teórico, passemos às análises dos dados.

5. Análise dos dados

Nesta seção, comentamos as motivações das criações neológicas e os processos de formação envolvidos. Mas, antes, apresentamos um quadro com a

relação dos dados identificados e também duas tabelas com a quantificação desses dados. Vejamos:

Processos de formação	Processo de criação		
	LEXICAL	SEMÂNTICA	ESTRANGEIRISMO
D. PREFIXAL	Aracnofeira Superedição Automimar Multigenio Sem-cara Supergrávida		Retuites
D. SUFIXAL	Bombando Brasucas Conspirólogo Espinudo Falológico Legalzometro Mistureba Viralizaram	Magrela Pratada Rolezinho Barbaridade	Memeficou
D.PREFIXAL/SUFIXA	Minigeladeirinha Multijogadores Tripeituda Ecofinanceiro Criptozoologia		
D. REGRESSIVA TRUNCADA	Deprê Pakas Visu		
COMPOSIÇÃO POR AGLUTINAÇÃO	Borboletograma Legolícia Fuleco Nitendinite		
ONOMATOPEIA REDUPLICAÇÃO	Crec-crec Hehehe Hahaha		
PRIMITIVA		Bilau Treta Napa	Garay Memes Prequel Mangakás Mangá Cranberries Emojis Tuite
SIGLAGEM		MALA	

HIBRIDISMO			Batmaníaca Hackeados Bat-vaca Cameloman Freeganismo Hackeada Haqueamento Merchan Photoshopada Selficídio Trasheira Trollarem Whatsappite
-------------------	--	--	--

Quadro 01: processos de criação e de formação dos neologismos que constituem o *corpus* da pesquisa

Processos de Criação	Processos de formação	Número de ocorrências
Derivação	Prefixal	07
	Sufixal	13
	Prefixal e Sufixal	05
	Regressiva (Truncada)	03
Composição	Justaposição	00
	Aglutinação	04
Estrangeirismo Empréstimo	Hibridismo	13
Outros processos	Onomatopeia/ Reduplicação	03
	Primitiva	11
	Siglada	01

Tabela 01: Quantificação dos neologismos segundo o processo de formação

Classe de Palavra	Ocorrências
Substantivo	44
Adjetivo	11
Verbo	5

Tabela 02: Quantificação dos neologismos segundo a classe de palavra

5.1 Derivação prefixal

Retomando o conceito de *Derivação* proposto por Bechara (2001, p.357), “derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos.” (...). Trazemos neste bloco os casos de derivação *prefixal* em que a palavra/base é posposta a um complemento que dá a esta um sentido acessório. Vejamos:

Ex. 01. “**Supergrávida** de Taubaté: Maria Verônica comoveu o país com sua história e a sua barriga gigante.” (ME, Dez/14a, p.47 – Perguntas & respostas: Que notícias já rodaram a web e são mentiras?)

Ex. 02. “Provavelmente você já passou da idade de ganhar presente. Mas, se quiser se ‘**automimar**’, a gente não conta pra ninguém.” (ME, Out/14, p.50 – Xistudo: Feliz dia da (eterna) criança!)

Em (01), temos *super-* e *grávida*, duas noções de sentidos distintos. O primeiro termo, como está descrito em dicionário, é um prefixo de origem latina, significa ‘superior’; o outro, ‘grávida’, designa a gestação de um ser, logo um substantivo feminino, que se configura como uma base, o seu sentido foi modificado pela partícula que lhe é adicionada, não é uma gravidez comum, é uma com característica superior às demais. A partícula acrescida reforça ainda mais o contexto da frase; logo, o termo neológico foi criado para intensificar o estado da mulher, chamada Maria Verônica, que supostamente teria uma barriga gigante. Uma peculiaridade neste caso é a noção adjetival que o prefixo nos sugere, pois, podemos constatar uma atribuição de qualidade, logo, leva-nos a crer que seria um adjetivo. Mas, se tomarmos o contexto da frase, sua classificação enquadra melhor como substantivo comum, pois é um termo que substitui um nome próprio.

No exemplo seguinte, (02), o neologismo é formado pelo prefixo *auto* junto ao verbo sob a forma de infinitivo *mimar*. O termo acessório (prefixo) é amplamente utilizado para acrescer sentido a bases, mas sua caracterização em dicionário consta como ‘elemento complementar’ de origem grega, por ser um elemento comumente utilizado para exprimir a ideia de *si mesmo*. Esse prefixo foi associado ao verbo *mimar*, que revela o ato de presentear, de fazer carinho, para dar-lhe uma característica diferente, pois a intenção do autor, ao unir os dois elementos, foi endossar o fato de presentear-se, de fazer um carinho a si mesmo. Logo, esse

termo formado por derivação prefixal exprime uma ação, portanto, um verbo de primeira conjugação.

Em nossa pesquisa, houve poucas ocorrências de palavras formadas por esse processo. Nos seis casos identificados, o elemento prefixal apresentou um sentido independente, o que, geralmente, não é uma característica dos prefixos. Esse fato é bastante discutido por teóricos; para alguns deles, os neologismos aqui classificados como derivação prefixal poderiam ser classificados como compostos. Isso depende do entendimento de cada teórico; neste trabalho, norteamos-nos pela classificação dos elementos em dicionários. Passemos ao processo de derivação sufixal.

5.2 Derivação sufixal

A derivação sufixal é um dos processos mais produtivos e exigentes, como podemos comprovar com a ocorrência de 13 casos. Este mecanismo exige do falante um bom domínio da língua. Os sufixos são numerosos e revestem-se de múltiplas acepções, como se não bastasse aliam-se a essa variedade os aspectos idiossincráticos dos falantes e a semântica, que permeia tanto as partículas sufixais quanto as bases que se aliam. Vejamos os três exemplos a seguir:

Ex.03. “**Conspirólogos** afirmam que Bauman, na verdade, seria Nick Vogt, ex-militar que de fato perdeu suas pernas...” (ME, jul/14a, p.06 – Fato ou boato: O atentado da maratona de Boston)

Ex. 04. “Relembrar os artistas que bateram as botas de mentirinha e **viralizaram** na net” (ME, Dez/14a, p.58 – Xistudo: A volta dos que não foram)

Ex. 05. “Criadas para serem um excelente meio de transporte, as ‘**magrelas**’ ficaram com fama de mero brinquedo na década de 60.” (ME, Set/14, p. 10 – Marcha a ré)

O fragmento (03), extraído de uma seção que relata histórias polêmicas que se tornaram conhecidas mundialmente, trata de um atentado ocorrido durante uma maratona nos EUA. O episódio, que é cheio lacunas e teorias infundadas, ou com base em suposições rasas, foi amplamente divulgado, principalmente nas redes sociais. Esse conjunto de fatores favoreceu o surgimento de várias opiniões, muitas fantasiosas e com tom de ‘conspiração’. Por esse motivo, a ideia central gira em

torno da palavra ‘conspirólogo’, na qual o sufixo “-logo”, de origem grega, designa estudiosos ou especialistas. Logo, temos um substantivo comum usado para especialistas em conspiração. No contexto geral, consideramos que a palavra tem um tom jocoso, com certa dose de ironia, pois, apesar de denotar estudo, especialidade sobre um tema, o contexto frasal do neologismo quer enfatizar o desprestígio das opiniões, a falta de veracidade das opiniões que alegam conspiração.

Em (04), o termo “Viralizar” se origina de “viral”, um termo bem utilizado nas redes sociais. Originalmente essa palavra consta como um adjetivo relativo a vírus, mas foi assimilada, no meio digital, a uma característica - a de ter rápida e fácil propagação, a capacidade de se espalhar. Portanto, o termo “viral” sofreu uma mudança semântica, um deslocamento de sentido; nesse novo ambiente, novas adaptações formais ocorreram, dada a necessidade de nomear a ação de se tornar viral, no caso “viralizar”, o que foi feito pelo acréscimo do sufixo “izar” ao nome (vírus, viral), surgindo o verbo, que aqui aparece conjugado na 3ª pessoa do plural “viralizaram”.

Em (05), temos um adjetivo bem conhecido “*magrelas*”, frequentemente usado para designar pessoas muito magras. O sufixo ‘*ela*’, originalmente designa diminutivo, sendo, por vezes, empregado num contexto afetivo. No contexto de uso, podemos perceber que se trata de um “apelido” para bicicleta por semelhanças estéticas a seres e objetos delgados ou até mesmo a uma pessoa magra. Assim, essa constituição neológica, um substantivo, comporta um pouco dos dois sentidos referidos. As demais ocorrências desse grupo de formação de palavras demonstraram ser bem diversas.

5.3 Derivação prefixal e sufixal

Essa modalidade de derivação, por vezes, se confunde com a derivação parassintética³, por apresentar os mesmos elementos de formação, mas, como esclarecido no referencial teórico, distingue-se desse segundo mecanismo por não apresentar emprego simultâneo de um prefixo e de um sufixo.

³ Ressaltamos que nenhuma ocorrência de parassíntese foi identificada em nosso *corpus*.

Ex. 06. “Esta **minigeladeirinha** garante que o seu refri não esquente...” (ME, Out/14, p.59 – Xistudo: gelado e conectado)

A palavra “*minigeladeirinha*” comporta nitidamente três elementos - prefixo, base e sufixo. O curioso neste caso é que a base a qual se alia o prefixo “*mini*”, que designa algo muito pequeno, também traz consigo essa noção de tamanho reduzido, “*geladeirinha*”. Portanto, temos nessa combinação, dois elementos (prefixo e sufixo) relacionados ao sentido de redução, diminutivo. Ao que parece, foi uma solução didática para designar o aspecto de um novo produto, um equipamento de refrigeração muito pequeno. A utilização do recurso da derivação prefixal e sufixal se mostrou muito pertinente, pois, se para enfatizar o caráter diminutivo do objeto utilizasse só um dos recursos, o sentido que a palavra teria não comportaria a dimensão do objeto, ou seja, passaria a impressão diferente da real aparência do objeto, a solução foi combinar prefixo e sufixo e assim intensificar o sentido que queria ressaltar.

No trecho a seguir, o termo neológico é utilizado para designar algo fictício, um ser que possui três peitos. Verificamos, pois, um tom de humor. Para a construção desse neologismo, foram acrescentados à base “*peito*” (órgão dos mamíferos) o prefixo “*tri*”, que designa quantidade e o sufixo “*uda*”, que denota quantidade/intensidade. Embora seja possível uma construção formada só com o prefixo ou só com o sufixo, nessa composição, o sentido completo só se realiza com a aplicação dos dois afixos formando uma unidade fechada, única, sendo essa palavra criada para qualificar a peculiar característica da ‘mina’, portanto é um adjetivo.

Ex. 07. “Essa mina **tripeituda** faz meu tipo!” nota (ME, Dez/14a, p.47 – Perguntas & respostas: Que notícias já rodaram a web e são mentiras?)

5.4 Derivação truncada ou regressiva

Nos dois fragmentos que exibimos a seguir, encontramos vocábulos que possuem forte característica de gíria “*deprê*” e “*visu*”. Em ambos os casos, temos uma unidade truncada, que apresenta uma redução não-estrutural da sua forma,

pois a sílaba final de cada palavra é suprimida. A palavra ‘*depressão*’, (08) é usada para nomear uma patologia, ou uma tristeza profunda, mas no contexto neológico parece assimilar um tom ameno, uma tristeza passageira, leve.

Ex. 08. “Maior **deprê**” subtítulo. (ME, jul/14a, p.41 – Perguntas & Respostas: O que causa a depressão?)

Ex. 09. “Novo **visu**: Quem te viu e quem te vê! A nova cara do Android L é atraente e segue o design minimalista do Windows 8.” (ME, Ago/14, p. 54 – Xistudo: O novo Android)

Também em (09), percebemos uma economia linguística, já que “*visu*” provém de ‘visual’. Muitas vezes esse uso tem o objetivo de agilizar a comunicação. Esse tipo de uso, que muitas vezes provém de uma linguagem informal, atribui descontração ao termo, deixando-o mais moderno; a classe gramatical permanece a mesma - substantivo.

Temos, portanto, substantivos formados por derivação truncada, ou segundo os normativos, derivação regressiva.

5.5 Composição por Aglutinação

Esse processo de formação realiza-se de duas formas: por justaposição e a por aglutinação. Em nossa pesquisa só detectamos palavras formadas pelo segundo processo, sendo apenas três casos. Observemos dois deles:

Ex. 10. “**Borboletograma**: para responder à gentileza das abelhas, Narizinho enviou sua própria emissária, escrevendo nas asas de uma borboleta.” (ME, Ago/14, p. 43 – Perguntas & Respostas: como era o Sítio do Pica-Pau Amarelo?)

Ex. 11. “**Legolícia**: (...) AkihiroMizzuuchi criou moldes de Lego feitos de chocolate.” (ME, Dez/14a, p.59 – Xistudo: Legolícia)

O neologismo presente em (10) é muito peculiar e seu surgimento ocorreu há muito tempo no contexto das histórias do “Sítio do Pica-Pau-Amarelo”, de Monteiro Lobato. Um termo muito criativo que une duas palavras distintas, ‘*borboleta*’ e

'*telegrama*', em prol de um único sentido. Nessa formação, marcada pela inventividade, pela fantasia e pela mágica típicas do universo literário infantil, a palavra sofreu uma fusão, que resultou na supressão da vogal 'a' da palavra borboleta, e retirada de parte da palavra telegrama, o acréscimo da letra 'o', deve-se a um arranjo estético-fonológico, para deixar harmônico o novo vocábulo. Temos mais um substantivo.

Em (11), temos uma matéria intitulada de '*Legolícia*', e as informações que seguem revelam a criação de um doce, feito com chocolates, no formato de legos (um brinquedo com peças de encaixe), de modo que fica fácil associar a palavra '*lego*' e '*delícia*' numa composição por aglutinação que resulta em '*legolícia*', dois sentidos formando um único que dá conta dos temas centrais do produto criado. O caráter metalinguístico da matéria já revela o sentido da palavra criada, e por consequência, dá pistas do processo de formação. Também nesse contexto temos um substantivo.

5.6 Onomatopeia e outros casos

Todos os exemplos abaixo relacionados se enquadram no processo, postulado por Rocha (1998) de onomatopeia, que, em linhas gerais, consiste na imitação de sons, ruídos, uma transcrição fonética que assume caráter lexical e passa a representar a situação ou o objeto do qual se originou.

Ex. 12. "Isso porque não há sequer consenso sobre os motivos do **crec-crec**." (ME, Dez/14b, p.46 – Perguntas & Respostas: Estalar os dedos faz mal?)

Ex. 13. "Também conhecido como '**Hehehe**', representa um troll (provocador, na gíria da internet) e é usada para ironizar opiniões banais ou encerrar discussões.(...)" (ME, Dez/14a, p.26 – A origem dos memes)

Ex. 14. "Em 2009, o rosto do jogador de basquete chinês Yao Ming 'memeficou'. Ele fez essa expressão do tipo '**hahaha**', não estou nem aí!" (ME, Dez/14a, p.27 – A origem dos memes)

Assim, “*crec-crec*”, em (12), é uma simulação do som emitido ao estalar os dedos, certamente um recurso estilístico, e que colabora com o sentido do termo na frase, com o aspecto descontraído da informação.

Os outros dois exemplos são muito semelhantes, tanto em sentido quanto em forma, e surgem num contexto metalinguístico e consistem na repetição de um som: o “*He*”, repetido três vezes, em (13) e “*há*”, em (14). A origem sonora dos dois é praticamente a mesma, são risos, sons que as pessoas podem emitir ao rir, sorrir ou gargalhar, a diferença de som é que marca o teor semântico do léxico, há uma característica de interjeição nessas criações onomatopeicas, mas a forma como foram empregados as colocam na categoria de substantivos.

Os casos seguintes, (15, 16 e 17) são formas primitivas, a priori não sofreram nenhum acréscimo ou redução, foram classificadas como neologismos por uma mudança de contexto, ou seja, enquadram-se no processo de criação semântica.

Ex. 15. “(...) Mas desenhos de 1757 do explorador Frederic Louis Norden já mostravam a Esfinge sem a **napa**.” (ME, jul/14a, p.22 – Mistérios Milenares)

Ex. 16. “(...) impedindo que o sangue do **bilau** volte para o corpo depois da ereção” (ME, jul/14a, p.36 – Perguntas & respostas: O que é priapismo?)

Ex. 17. “Resumindo, o hexa não veio, o PT foi tetra e isso causou muita **treta** nas redes sociais.” – (ME, Dez/14b, p.18 - Bizarrices inesquecíveis #2014)

A palavra “*napa*” (15) já existe no dicionário e designa uma espécie de tecido, couro, mas o contexto em que é empregado faz referência a nariz, um termo jocoso para falar sobre um nariz grande, como podemos ver no contexto da frase, comumente usado em conversas informais, descontraídas. É um substantivo que expressa uma qualidade.

A palavra “*bilau*”, (16) amplamente difundida, tem uma origem obscura; aparentemente, não provem de nenhuma outra palavra, seja em forma de redução ou outro processo, surge sempre em um contexto de descontração, para se referir ao pênis, é um termo moderado, usado em situações que não se pretende utilizar de palavras de baixo calão, mas também não se quer utilizar de palavras científicas. Um substantivo comum.

O ultimo caso apresentou um leve deslocamento de sentido, no dicionário, a palavra “*treta*”, (17) designa dentre outras coisas, “história falsa”, mas o contexto em que geralmente se usa o termo tende mais a “confusão”. Outro substantivo.

5.7 Estrangeirismos / empréstimo

Os estrangeirismos, que, neste trabalho, representam o maior número de ocorrências, apresentam-se de diversas formas, com a grafia e pronúncia ainda na forma do país de origem; apresentam-se já adaptados ao sistema linguístico português, e assim constituem termos adotados; assimilados em forma de xenismo⁴; e palavras que se enquadram no sistema receptor por semelhança, não por ter sofrido mudança na grafia e na pronúncia. Essas são as características gerais dos termos estrangeiros do *corpus*.

Antes de adentrarmos na análise dos neologismos estrangeiros, vejamos uma peculiaridade. É comum ver um termo estrangeiro, em sua forma nativa, associada a um elemento do sistema português, esses elementos podem ser prefixos, sufixos entre outros. O fato é que essa justaposição de elementos de línguas diferentes se caracterizam como hibridismos, e nos parecem mais coerente abordar esses termos por esse processo de formação, mesmo enquadrando-se em outros processos, como por exemplo, o por derivação sufixal do exemplo 19.

Vejamos, agora, o caso da palavra estrangeira “*merchan*”, em (18):

Ex. 18. “Cenários com marcas de patrocinadores e geradores de caracteres com textos sobre o produto também compõem o **merchan**.” (ME, Out/14, p.42 – Perguntas & respostas: Como canais de TV ganham dinheiro?)

A forma original desse termo é *merchandising*, que consiste num conjunto de práticas mercadológicas que visam a inserção de um produto no mercado de forma adequada e atraente aos consumidores, pela forma como se apresenta, é fácil associar ao processo de truncagem, devido a redução da forma e pronúncia, mas mesmo com essa característica, o termo não perde sua força estrangeira. É

⁴ Acontece quando o termo é “importado mas permanece na grafia original, mesmo sendo muito usado, será um xenismo.” (CARVALHO, 1999, p.41)

prudente afirmar que houve uma alteração parcial, a palavra encontra-se em processo de adoção ainda. Caracteriza-se como um substantivo.

Outro neologismo interessante é o que se apresenta em(19), claramente uma formação por derivação sufixal, mas a grafia causa um ruído ao sistema linguístico português, sendo fácil reconhecer parte da palavra como um termo estrangeiro, devido à grafia, que vem de *photoshop*, programa de computador de edição de fotografias; a outra parte do vocábulo é um sufixo, ‘*ada*’, que designa ação, estado;

Ex. 19. “A imagem original seria uma foto **photoshopada** do autor.” (ME, Dez/14a, p.26 – A origem dos memes)

O termo resultante ‘*photoshopada*’ está funcionando como adjetivo para ‘foto’. Esse caso, salvo a forte aceitação do termo *photoshop* em português, se enquadra também no processo de hibridismo, por se tratar do cruzamento de termos de línguas diferentes.

Mais um estrangeirismo que está em processo de adoção, mesmo com sua forte grafia estrangeira, é *Whatsapp* (20), que se refere a um aplicativo de celular bastante popular no Brasil atualmente.

Ex. 20. “**Whatsappite** aguda (...) com dores severas no pulso por uso excessivo de celular, digitando no WhatsApp.” (ME, Dez/14a, p.66 – Xistudo: Contando Ninguém acredita)

Muitos usuários o utilizam boa parte do dia, sempre com o celular a mão a digitar mensagens curtas, esse ato repetido muitas vezes ao longo do dia pode causar dores nas mãos, uma inflamação dos tendões das mãos, conhecida como ‘tendinite’, daí o substantivo, formado com o sufixo ‘*ite*’ que indica inflamação, esta causada por uso excessivo do aplicativo *Whatsapp*. Logo, “*Whatsappite*”, um substantivo.

5.7.1 Adoção

Os termos seguintes apresentam como característica mais forte a adequação ao sistema linguístico português. Apesar de serem de origem estrangeira, caracterizam-se como termos adotados, alguns sofreram mudança na grafia, (ex. 22), outros não precisaram sofrer adequação por já estarem condizentes com as

regras do sistema português. Logo, está consolidada a adoção desses termos e uma vez incorporado como ‘filho’ do sistema português, achamos lógico classificar como palavras primitivas as que não apresentavam nenhum processo de formação mais complexo. Vejamos:

Ex. 21. “Tradução de *Moby Dick* feita com **emojis**” (ME, Dez/14a, p.08 – Top10: Os mais loucos projetos de financiamento coletivo)

Ex. 22. “**Tuíte** útil: (...) recuperou o passaporte via Twitter, ao receber uma mensagem da pessoa que achou o documento.” (ME, Dez/14a, p.66 – Contando Ninguém acredita)

Ex. 23. “No Japão, estima-se que há mais de 6 mil **mangakás** (desenhista de mangás), quase todos em Tóquio.” (ME, jun/14, p.37)

Ex. 24. “Ninguém sabe o desfecho, mas o **meme** virou até mangá” (ME, Dez/14b, p.22 - Bizarrices inesquecíveis #2014)

Em (21), temos um vocábulo ‘emojis’, de origem japonesa, que designa uma imagem que transmite a ideia de uma palavra, a sua grafia e pronúncia não causam estranheza, enquadram-se no sistema português, o que torna fácil a assimilação. O mesmo acontece com os vocábulos em (23 e 24), também substantivos.

O termo adotado que sofreu uma adequação ortográfica foi ‘tuíte’, em (22), que era *twitter*, forma em inglês. Um substantivo já assimilado, que designa uma frase curta específica de um aplicativo de celular. Esse recorte analítico revela a diversidade de palavras novas bem como a variedade de processos de formação.

Considerações finais

Já afirmamos que novas palavras surgem diante da necessidade de nomear objetos ou ações que se apresentam como novidades nas diferentes situações com que se deparam os falantes da língua portuguesa. E, sem dúvida, a criatividade se sobressai quando o assunto é neologismos. Nesta pesquisa, uma característica forte visível nos casos de neologismos detectados nos textos foi a intensa relação entre a língua vernácula e outros idiomas - as palavras estrangeiras que são introduzidas em nossa língua permanecem com as características de origem, mantendo-se

sempre como um elemento novo/estranho, e é com esta forma original que sofrem mudanças, juntando-se a elementos vernáculos para se vestirem com outros sentidos, mais adequados ao português. Diante desta característica foram muitos os hibridismos, que, por sua vez, poderiam se enquadrar em outros processos de formação de palavras, como o de sufixação.

Feita a análise dos dados, podemos afirmar que o processo de criação mais produtivo é o de Criação Lexical e, quanto ao processo de formação, o de derivação por sufixação é um dos mais produtivos. Em relação às palavras estrangeiras, a formação por hibridismo se destaca, o que se reflete nos processos por derivação. Foram recorrentes vocábulos ora com palavras adotadas, com grafia e fonética adaptadas ao sistema português ora em forma de xenismo, mas muito presente em nossa cultura, quase sempre associados a novas tecnologias digitais, produtos etc. No que diz respeito às categorias de palavras, destacaram-se três classes, por ordem de ocorrência temos: substantivo, adjetivo e verbo, confirmando que nomear situações, objetos, casos é o que favorece o surgimento dos neologismos.

Hoje em dia a comunicação entre pessoas de países diferentes é mais fácil, a tecnologia estabeleceu uma conectividade entre culturas promovendo a interação, a troca e com isso vêm muitas assimilações linguísticas. Portanto, esse cenário é propício a criação de uma palavra para vestir o novo.

ABSTRACT

This article deals with neologisms, the emergence of new lexicons in Portuguese, these new words are from the "Revista Mundo Estranho", an entertainment magazine that reveals news and curiosities. With the selected *corpus*, broke for the theory to identify the words of creation processes (lexical creation, semantic and foreignness); the word formation processes (derivation and composition); and check which categories of the neologisms words belong. The results showed the most productive mechanisms of creation, lexical; the formation, which was the derivation; and the words Class of nouns as the most productive. One aspect that was highlighted was the foreignness are many cases and in many levels, words borrowed the Portuguese lexicon, words already adopted, xenismos etc. this type of lexical renovation was shown very productive, which shows the close relationship between languages.

Keywords: neologism, neology, foreignness, creating words, training class words

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo: Criação lexical**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

ALVES, Ieda Maria. **A renovação lexical nos domínios de especialidade**. IN: Ciência e Cultura, On-line version..vol.58 no.2 São Paulo Apr./June 2006. Disponível em:http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252006000200013&script=sci_arttext Acessado: 06/06/2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CARVALHO, Nelly. **A palavra é**. Recife: Líber, 1999.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos na língua portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2009.

CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERRAZ, A. P. Neologismos no português brasileiro contemporâneo: aplicação ao ensino de português para estrangeiros. In: **Colóquio Diálogos com a Lusofonia**, 2008, Varsóvia. AktaKonferencji. Varsóvia: InstytutStudiówIberyjskich i IberoamerykańskichUniwersytetuWarszawskiego, 2008. p. 114-132. Disponível em: <https://iberystyka-uw.home.pl/pdf/Dialogos-Lusofonia/Coloquio_ISIil-UW_8_FERRAZ-Aderlande-PEREIRA_Neologismos-no-portugues-brasileiro.pdf> Acessado em: 02/06/2016)

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo dicionário Aurélio - século XXI**. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

HOUAISS, Antonio e Villar, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MONTEIRO, José Lemos. **Morfologia portuguesa**.4.ed. Campinas: Pontes, 2002.

MUNDO ESTRANHO, Revista. São Paulo: Editora Abril, Ed. 153, Junho de 2014.

MUNDO ESTRANHO, Revista. São Paulo: Editora Abril, Ed. 154, Julho de 2014a.

MUNDO ESTRANHO, Revista. São Paulo: Editora Abril, Ed. 155, Julho de 2014b.

MUNDO ESTRANHO, Revista. São Paulo: Editora Abril, Ed. 156, Agosto de 2014

MUNDO ESTRANHO, Revista. São Paulo: Editora Abril, Ed. 157, Setembro de 2014

MUNDO ESTRANHO, Revista. São Paulo: Editora Abril, Ed. 158, Outubro de 2014

MUNDO ESTRANHO, Revista. São Paulo: Editora Abril, Ed. 160, Dezembro de 2014a

MUNDO ESTRANHO, Revista. São Paulo: Editora Abril, Ed. 161, Dezembro de 2014b

RIBEIRO, Simone Nejaim. **O léxico em movimento comentários sobre neologia e neologismos**. In: www.filologia.org.br. (s/d). Disponível: <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno13-18.html>> Acessado: 18/06/2016

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizontes: Ed. UFMG, 1998

VIANA, Moacir Cunha. **Novo dicionário**: escolar da língua portuguesa. São Paulo: Didática Paulista, 2000.

ANEXOS

Fragmentos textuais nos quais aparecem as novas palavras

REVISTA MUNDO ESTRANHO, editora Abril

JUNHO

“No Japão, estima-se que há mais de 6 mil **mangakás** (desenhista de mangás), quase todos em Tóquio.” (ME, jun/14, p.37)

“O que é **freeganismo**? (...) O termo é a fusão de ‘free’ (que tem a ver com liberdade ou ausência de custos em inglês) e ‘veganism’ (prática de não consumir produtos de origem animal) ampliando a resistência ao consumo para além da alimentação.”

(ME, jun/14, p.44)

“Mozart **bombando**” (subtítulo da matéria) (ME, jun/14, p.47)

“**Rolezinho** natalino” (Na véspera do Natal de 2012, cerca de 3 mil pessoas compareceram a um encontro-relâmpago em Seul, Coreia do Sul...)

(ME, jun/14, p.58)

“**Barbaridade**” (cansado de ser zoadado por não ter barba? Esta touca de tricô, além de acabar com o bullying, protege do frio e pode servir até como fantasia.)

(ME, jun/14, p.59)

“**Legalzometro**” (nome de seção da revista, que traça os níveis de aceitação de produtos diversos ao longo do tempo) (ME, jun/14, p.60)

“**Superedição**” (revista de maio usou seus poderes para salvar os leitores do tédio)

(ME, jun/14, p.62)

“**M.A.L.A*** do mês” *Muito Além do Leitor Atento (nome de uma seção em que publicam os erros cometidos pela revista e vista pelos leitores)

(ME, jun/14, p.62)

JULHO

“**Conspirólogos** afirmam que Bauman, na verdade, seria Nick Vogt, ex-militar que de fato perdeu suas pernas...” (ME, jul/14a, p.06)

“Desastre **Ecofinanceiro**” (Com os escravos veio também o zimbo, uma pequena concha usada como moeda na costa africana... – Subtítulo da matéria Moedas do Brasil) (ME, jul/14a, p.11)

“(...) Mas desenhos de 1757 do explorador Frederic Louis Norden já mostravam a Esfinge sem a **napa**.” (ME, jul/14a, p.22 – Mistérios Milenares)

“(...) impedindo que o sangue do **bilau** volte para o corpo depois da ereção” (ME, jul/14a, p.36 – Perguntas & respostas: O que é priapismo?)

“Maior **deprê**” subtítulo. (ME, jul/14a, p.41 – Perguntas & Respostas: O que causa a depressão?)

“Museu **Falológico**” – Localizado na Islândia, abriga uma coleção inusitada: pênis de vários animais(...) (ME, jul/14a, p.58 – Xistudo: Museus fantásticos)

“Museu de **Criptozoologia**” – Se você acredita em criaturas místicas, não pode deixar de fazer uma visitinha a Portland (EUA)(...) (ME, jul/14a, p.58 – Xistudo: Museus fantásticos)

“Alimentos polivalentes ou **misturebas** cheias de gordura e açúcar(...)”(ME, jul/14b, p.22 – Me engana que eu gosto)

“Parecem **brasucas**” – nota (... mas não são! Banana, laranja, limão, maçã, tangerina, caqui e manga são originários da Ásia.) (ME, jul/14b, p.52 – Perguntas & respostas: Quantas frutas são tipicamente brasileiras?)

“Jogo de mundo aberto que segue os passos de GTA, mas se diferencia por proporcionar sistemas de **haqueamento** integrados à cidade, que é totalmente conectada.” (ME, jul/14b, p.59 – Xistudo: zeramos)

“Se você quiser se divertir com os modos competitivos **multijogador**, vai precisar desbloqueá-los antes jogando no modo história.” (ME, jul/14b, p.59 – Xistudo: 5 razões para jogar)

“(...) Além disso, acrescentaram **cranberries** para a Walker ficar mais sangrenta...” (ME, jul/14b, p.66 – Contando ninguém acredita)

AGOSTO

“**Borboletograma**: para responder à gentileza das abelhas, Narzinho enviou sua própria emissária, escrevendo nas asas de uma borboleta.” (ME, Ago/14, p.43 – Perguntas & Respostas: como era o Sítio do Pica-Pau Amarelo?)

“Numa ‘**pratada**’ só, a titanoboa consegue mandar pra dentro até 1 tonelada de comida...” (ME, Ago/14, p.50 – Perguntas & Respostas: Como era a titanoboa, a serpente pré-histórica gigante?)

“Novo **visu**: Quem te viu e quem te vê! A nova cara do Android L é atraente e segue o design minimalista do Windows 8.” (ME, Ago/14, p.54 – Xistudo: O novo Android)

“Vá embora, este caixa eletrônico foi **hackeado!**” (ME, Ago/14, p.55 – Xistudo: eu quero)

“**Aracnofeira**: cerca de 30 mil aranhas participam todo ano da exposição da Sociedade Britânica de tarântulas...” (ME, Ago/14, p.62 – Contanto ninguém acredita)

SETEMBRO

“Criadas para serem um excelente meio de transporte, as ‘**magrelas**’ ficaram com fama de mero brinquedo na década de 60.” (ME, Set/14, p.10 – Marcha a ré)

“(…) Também é **batmaniaca**: coleciona HQs do morceirão e adora umas partidas de Arkham City.” (ME, Set/14, p. 48 – Turma do Fundão: A nossa legião de super-heróis)

“A cidade mais famosa dos quadrinhos ganha uma **prequel** que fala sobre a infância de Bruce Wayne...” (ME, Set/14, p.52 – Xistudo: Os nerds dominaram a TV)

“(…) outros se arriscavam em mensagens de amor para aquele “amigo que mal conheço, mas já considero **pakas**.” (ME, Set/14, p.54 – Xistudo: Adeus, Orkut)

OUTUBRO

“Cenários com marcas de patrocinadores e geradores de caracteres com textos sobre o produto também compõem o **merchan**.” (ME, Out/14, p.42 – Perguntas & respostas: Como canais de TV ganham dinheiro?)

“Um debate **espinhudo**” – título (ME, Out/14, p.44 – Perguntas & respostas: Quais animais já concorreram a eleições?)

“Provavelmente você já passou da idade de ganhar presente. Mas, se quiser se ‘**automimar**’, a gente não conta pra ninguém.” (ME, Out/14, p.50 – Xistudo: Feliz dia da (eterna) criança!)

“Esta **minigeladeirinha** garante que o seu refri não esquente...” (ME, Out/14, p.59 – Xistudo: gelado e conectado)

DEZEMBRO

“Tradução de *Moby Dick* feita com **emojis**” (ME, Dez/14a, p.08 – Top10: Os mais loucos projetos de financiamento coletivo)

“**sem-cara** ou cara de pau” subtítulo (Supostamente, o governo dos EUA detém evidências fotográficas (...). Mas Alguém teria vazado algumas delas, que mostram pessoas sem rosto em meio a multidões...) (ME, Dez/14a, p.23 – Mergulho nas profundezas)

“Mas os vídeos associados são apenas **tosqueiras** com bons truques de cena.” (ME, Dez/14a, p.23 – Mergulho nas profundezas)

“(…) uma galera acreditou e fez fila pra ver a **trasheira**.” (ME, Dez/14a, p.23 – Mergulho nas profundezas)

“A imagem original seria uma foto **photoshopada** do autor.” (ME, Dez/14a, p.26 – A origem dos memes)

“Também conhecido como ‘**Hehehe**’, representa um troll (provocador, na gíria da internet) e é usada para ironizar opiniões banais ou encerrar discussões.(..)” (ME, Dez/14a, p.26 – A origem dos memes)

“Em 2009, o rosto do jogador de basquete chinês Yao Ming ‘**memeficou**’. Ele fez essa expressão do tipo ‘hahaha’, não estou nem aí!” (ME, Dez/14a, p.27 – A origem dos memes)

“Em 2009, o rosto do jogador de basquete chinês Yao Ming ‘memeficou’. Ele fez essa expressão do tipo ‘**hahaha**’, não estou nem aí!” (ME, Dez/14a, p.27 – A origem dos memes)

“(…) como a forma de programadores **trollarem** uns aos outros e exibir seus talentos.” (ME, Dez/14a, p.42 – Perguntas & Respostas: Como funciona um vírus de computador?)

“**Supergrávida** de Taubaté: Maria Verônica comoveu o país com sua história e a sua barriga gigante.” (ME, Dez/14a, p.47 – Perguntas & respostas: Que notícias já rodaram a web e são mentiras?)

“Essa mina **tripeituda** faz meu tipo!” nota (ME, Dez/14a, p.47 – Perguntas & respostas: Que notícias já rodaram a web e são mentiras?)

“**Cameloman**: O serviço Street View do Google cria incríveis imagens panorâmicas do mundo todo, Só que o famoso carro não chega a todos os lugares – como o Deserto de Liwa, nos Emirados Árabes Unidos. O que fazer nesse caso? Contratar um camelo para carregar o equipamento, é claro!” (ME, Dez/14a, p.53 – Xistudo: Eu quero)

“Desde os mais famosos, como Robin, Coringa, Mulher-Gato e Superman, até alguns bem obscuros, como Bat-Mirim, Bleez e **Bat-Vaca!**” (ME, Dez/14a, p.53 – Xistudo: Santa aventura espacial, Batman!)

“Relembra os artistas que bateram as botas de mentirinha e **viralizaram** na net” (ME, Dez/14a, p.58 – Xistudo: A volta dos que não foram)

“**Legolícia**: (...) AkihiroMizzuuchi criou moldes de Lego feito de chocolate.” (ME, Dez/14a, p.59 – Xistudo: Legolícia)

“**Multigênio**: Leonardo Da Vinci teve uma vida intensa, que renderia uma daquelas biografias de milhares de páginas.” (ME, Dez/14a, p.61 – Xistudo: Multigênio)

“**Whatsappite** aguda (...) com dores severas no pulso por uso excessivo de celular, digitando no WhatsApp.” (ME, Dez/14a, p.66 – Xistudo: Contando Ninguém acredita)

(...) a **nitendinite**, que deixou muita gente com lesões ocasionadas por manuseio excessivo de controles de videogame. (ME, Dez/14a, p.66 – Contando Ninguém acredita)

“**Tuíte** útil: (...)recuperou o passaporte via Twitter, ao receber uma mensagem da pessoa que achou o documento.” (ME, Dez/14a, p.66 – Contando Ninguém acredita)

“**Selfiecídio**: (...) A compulsão era tanta que, antes de se curar, saiu da escola, ficou trancado em casa por seis meses e já não se contentava mais com nenhuma foto, a ponto de tentar suicídio” (ME, Dez/14a, p.66 – Contando Ninguém acredita)

“Resumindo, o hexa não veio, o PT foi **tetra** e isso causou muita treta nas redes sociais.” – (ME, Dez/14b, p.18 - Bizarrices inesquecíveis #2014)

“Mancada do **Garay**: (...) um choque de cabeça com o ombro do zagueiro argentino Garay tirou Kramer do time ainda no 1º tempo e também levou a memória daquele dia embora.” (ME, Dez/14b, p.19 – Bizarrices inesquecíveis #2014)

“Ninguém sabe o desfecho, mas o **meme** virou até mangá” (ME, Dez/14b, p.22 - Bizarrices inesquecíveis #2014)

“Ninguém sabe o desfecho, mas o meme virou até **mangá**” (ME, Dez/14b, p.22 - Bizarrices inesquecíveis #2014)

“Os seguidores de R9 zoaram muito em **retuítes** e comentários.” (ME, Dez/14b, p.25 – Bizarrices inesquecíveis #2014)

“O mascote da copa foi alvo de polêmica na imprensa alemã (...) **Fuleco** significava o mesmo que ‘anus’ em português (...) A confusão foi tanta que a FIFA teve que se pronunciar oficialmente para esclarecer que o nome seria uma mescla das palavras ‘futebol’ e ‘**ecologia**’.” (ME, Dez/14b, p.19 – Bizarrices inesquecíveis #2014)

“Isso porque não há sequer consenso sobre os motivos do **crec-crec**.” (ME, Dez/14b, p.46 – Perguntas & Respostas: Estalar os dedos faz mal?)